

ANTROPOLOGIA SEM FRONTEIRAS

Cultura, Artesanato e Turismo

Anthropology without Borders. Culture, Handicraft and Tourism

Francisco Martins Ramos
Universidade de Évora (Portugal)
framos@uevora.pt

Resumo

O autor aborda a temática da Antropologia da Raia, centrando a sua atenção numa tripla construção: O enquadramento teórico da Antropologia como contexto e fundamento científico, a importância inegável da cultura material consubstanciada no artesanato e a sua vocação para o processo turístico como cruzamento saudável de culturas. Alguns exemplos do Alentejo e da Extremadura legitimam aspectos, práticas e cumplicidades partilhadas e o património de duas regiões próximas que há muito eliminaram fronteiras.

Abstract

The author approaches the theme of the Anthropology of Border emphasizing his attention on a triple construction: The anthropological scientific context, the value of the handicraft as material culture and its vocation to feed the tourism process as the center of culture exchanges. Some examples from Alentejo and Extremadura legitimate aspects, involvements and partnerships of two close regions that long time ago have eliminated borders and frontiers.

| 67

Palavras-chave

Cultura. Fronteiras. Artesanato. Turismo. Alentejo. Extremadura.

Key Words

Culture. Borders. Handicraft. Tourism. Alentejo. Extremadura.

Introdução

A Antropologia Social/Cultural, como Ciência do Homem, criador, produtor e divulgador de cultura, desde cedo que se interessou por todas as manifestações sociais que se opunham ou diferiam da designada cultura europeia (inclua-se também a dos "anglos" na sociedade americana, europeia na sua origem). Assim, a organização política, económica, social e religiosa, foram objecto da concentração da atenção antropológica sobre a unidade e diversidade das culturas humanas, em especial das sociedades distantes, coloniais, exóticas. De um modo geral, as situações coloniais, *malgré tout*, fomentaram o desenvolvimento da

Antropologia, na sua obsessão comparativista. E como afirmou Claude Lévi-Strauss (1990), a Antropologia não existiria sem o colonialismo.

Por outro lado, se nos primórdios da disciplina antropológica foram as características físicas e somáticas aquelas que prenderam mais a atenção dos antropólogos, mesmo antes de Bronislaw Malinowski houve cientistas que fizeram trabalho de campo e detectaram sistemas de parentesco, práticas rituais e organizações sociais que viriam a ser o coração da investigação antropológica: Lewis Morgan, Curt Unkel, Alfred Kroeber, Franz Boas, entre outros, entre finais do século xix e princípios do século xx.

Convém recordar alguns procedimentos que constituem a matriz e a imagem de marca por excelência da investigação antropológica. Assim, o que significa realmente observação participante? Trata-se de um conjunto de duas actividades essenciais para a recolha da informação no terreno. Em primeiro lugar, a observação é a concentração da nossa atenção sobre um objecto de estudo previamente definido: família, grupo social, comunidade ou facto social. Em segundo lugar, a participação engloba o envolvimento do investigador em todos os acontecimentos sociais possíveis (recorde-se que nem todos os acontecimentos sociais, por serem privados, íntimos ou interditos podem ter a participação do investigador). Ao mesmo tempo a expressão observação participante é uma verdadeira contradição, já que "a observação implica participação, ou seja, presença. Para além disso, é preciso que ela seja técnica e socialmente possível" (Copans 1999: 81)

68 | Ora, para que a investigação decorra normalmente, torna-se necessário dispor de tempo, para que o cientista social se possa integrar na comunidade ou grupo que estuda. E essa integração é relativamente morosa, porque o investigador é um intruso que precisa de ganhar confiança face àqueles que vai estudar. Naturalmente que o factor temporal depende dos objectivos do trabalho, da dimensão e profundidade da investigação, do tempo disponível e do tipo de pesquisa (mestrado, doutoramento, projecto de investigação)

Por vezes, a integração do investigador sofre obstáculos lógicos ou imprevistos. No primeiro caso temos o exemplo de Julian Pitt-Rivers que, em trabalho de campo na Andaluzia Espanhola, de 1949 a 1952, foi sempre identificado como inglês, americano, membro da CIA, espião. Ele próprio acabou por confessar que a sua integração foi incompleta (Pitt-Rivers 1973). No segundo exemplo, Brian O'Neill (1984), em trabalho de campo em Trás-os-Montes, foi erradamente associado a um roubo de vacas na fronteira luso-galaica e tal facto atrasou a sua integração plena. Mas o exemplo mais dramático é o de Nigel Barley (1986) a quem tudo correu mal quando iniciou trabalho de campo nos Camarões.

Voltando à questão da observação, convém esclarecer que ela não é linear em termos do envolvimento do investigador. Assim a "não participação" concretiza-se quando obtemos conhecimentos culturais através da televisão, de livros, de diários, de textos avulsos e mesmo de outras investigações, mas em que não existe interacção pessoal. A designada "participação moderada", a que podemos chamar "directa", verifica-se quando o investigador está presente no palco social mas não participa ou interactua. A "participação activa" verifica-se "quando o etnógrafo se envolve em quase tudo o que as outras pessoas fazem como um meio de tentar apreender as regras culturais do comportamento alheio" (Dewalt & Dewalt 2000: 262). Mas atenção, viver com os outros não significa querer ou imaginar ser um deles (Gonçalves 1997).

A observação participante só se concretiza mediante uma relação privilegiada com os chamados informantes. "Os informantes são indivíduos pertencentes à comunidade ou ao

grupo estudado, com quem se mantém uma relação especial de proximidade, confiança e até amizade. São eles que fornecem informação útil, que revelam o seu pensamento e o dos outros, que podem colaborar na pesquisa, que ajudam, aconselham e descrevem” (Ramos 2002: 58). O investigador deve, porém, estar preparado para não invadir a intimidade e os segredos de pertença dos informantes que têm laços de lealdade para com a comunidade ou grupo onde se situam. Por isso, muitas vezes surge o designado “Efeito Rashomon”, que se consubstancia em versões diferentes e contraditórias sobre o mesmo facto social (Ramos 1989)

A observação (participante ou não) é, porém, parcelar, incompleta e insuficiente. Daí a necessidade de utilização de uma outra técnica essencial para o aprofundamento da pesquisa: o inquérito por entrevista. Este instrumento é o veículo privilegiado do contacto com os informantes e pode ser completada com conversas ocasionais, informais e espontâneas. Através das entrevistas, queremos saber o que os informantes sabem, pensam e como actuam. A entrevista em Ciências Sociais beneficiou muito do contributo da Escola de Chicago, também ela inovadora em relação à história de vida, instrumento fundamental para a compreensão dos problemas sociais duma sociedade em ebulição, onde a riqueza extravagante de alguns se opunha à miséria de muitos (Ramos 2001).

O registo etnográfico, para além do narrado nas entrevistas, pressupõe a existência do designado “diário de campo”, onde o investigador anota o que observa, o que descobre e o que pensa e reflecte. “Um diário etnográfico, levado a cabo sistematicamente ao longo do tempo de trabalho de uma região, seria o instrumento ideal para este tipo de estudo...” (Malinowski 1997: 33).

O registo etnográfico, apesar de transcrever mesmo os acontecimentos mais triviais da vida quotidiana de uma comunidade ou grupo, depende sempre do objecto, dos objectivos e do âmbito da investigação. O próprio Marcel Mauss (um teórico da etnografia) referia no século passado, aspectos essenciais da pesquisa do terreno: a comunidade, o contexto geográfico, o sistema de parentesco, a organização social – práticas económicas, políticas e culturais (Mauss, 1967, 1993). | 69

Naturalmente que estudar culturas ou uma cultura se baseia sempre na tentativa de apreender os conhecimentos culturais, os comportamentos culturais e os artefactos culturais, na perspectiva do homem, da sociedade, do tempo e da natureza. E, em relação à última componente, a cultura material foi, desde sempre, uma área de interesse para as descrições etnográficas e reflexões antropológicas, já que os artefactos estão directamente relacionados com a tecnologia que se domina e com os recursos naturais disponíveis. Os objectos de uso quotidiano ou excepcional (arcos, flechas, redes, representações totémicas, alfaias agrícolas, vestuário, pinturas, construções, objectos consagrados e instrumentos rituais, a alimentação, o saber fazer, as manifestações artísticas, etc.) mereceram inventariação, classificação e interpretação que ajudaram os antropólogos a conhecer melhor e em maior profundidade aspectos essenciais das sociedades estudadas. Tais práticas tiveram um largo investimento a partir de meados do século XIX com as orientações histórico-culturais ou difusionistas, de vocação museológica.

Para que as recolhas materiais possam ser levadas a cabo é necessário usar a parafernália malinowskiana e, fazendo trabalho de campo, inventariar, classificar, analisar ou recolher objectos da cultura material. Tal procedimento mereceu, posteriormente, da parte de Marcel Mauss no seu *Manual de Etnografia* (1967 e 1993), grande preocupação, fomentando a sis-

tematização das recolhas materiais, na sua primeira edição francesa de 1926. Por outro lado ainda, o envolvimento com os informantes, a elaboração de diários de campo, a prática do desenho etnográfico (mais tarde o uso da fotografia) e a utilização de entrevistas ou conversas informais ajudam a descodificar ou interpretar objectos, imagens, desenhos e vídeos de objectos e práticas artesanais. Acrescenta-se que, só a inventariação e a classificação dos objectos são insuficientes para explicar o contexto cultural que permite compreender a criação do artesanato; torna-se necessário investigar a sua génese e necessidade (utilitária ou estética), o seu uso e transformação e o respectivo valor simbólico.

Desenvolvimentos

Recordemos, entretanto, algumas questões conceptuais. Por um lado, a observação significa a concentração da nossa atenção sobre o objecto de estudo e o carácter participante traduz-se pelo envolvimento activo do investigador em todos os acontecimentos sociais possíveis relacionados com a unidade de análise (grupo, família, território, rua, instituição, bando, etc.), que a nossa investigação definiu (Ramos 2002). A observação participante só se concretiza com uma relação privilegiada com os informantes. Mas esta técnica é insuficiente; ela deve ser complementada e completada com uma outra técnica: a entrevista (formal ou informal). Este instrumento é o veículo essencial no contacto com os informantes, sem descurar outros meios de recolha de informação – a pesquisa documental e bibliográfica, a fotografia, o vídeo, o diário de campo e o inquérito por questionário (menos usado em Antropologia). Só assim se concretiza a etnografia, que é o documento que legitima a pesquisa antropológica.

70 | Por outro lado, uma temática com a qual os antropólogos se confrontam é a questão das identidades. E, como é sabido, a atitude mais antiga do espírito humano, no que diz respeito à questão da opção em ser diferente ou em querer ser diferente, assenta em fundamentos psicológicos legítimos. Ela consiste em rejeitar, pura e simplesmente, as formas culturais, morais, religiosas, sociais e estéticas dos outros, daqueles com quem não nos identificamos, ou com quem não nos queremos identificar. É uma visão quase ingénuas, mas profundamente enraizada no quotidiano em que nos movemos: a nossa casa, a nossa rua, a nossa comida, o nosso bairro, a nossa música, as nossas mulheres, a nossa aldeia, a nossa região, são as fronteiras do nosso espírito (Ramos 1995). A valorização do “nosso” e do “nós” verifica-se em todos os tempos e lugares. Assim, o etnólogo alemão Kurt Unkel, filho adoptivo de uma tribo brasileira, à qual dedicou toda a sua vida, sempre que regressava às aldeias indígenas após uma estada prolongada nas cidades dos brancos, era confrontado com as lágrimas pesarosas dos seus hospedeiros, só de pensarem nos sofrimentos que ele deveria ter passado, longe do único sítio em que, pensavam eles, a vida valia a pena ser vivida (Lévi-Strauss 1995).

Não é por acaso que as anedotas veiculam os ingénuos argumentos da diferença e da superioridade – os americanos ridicularizam os canadianos e polacos, os franceses diminuem os belgas, os gregos estigmatizam os turcos, os ingleses gracejam sobre os irlandeses e vice-versa, os brasileiros inferiorizam os portugueses, os espanhóis brincam com os habitantes de Leppe e de Almendralejo, os supostos urbanos portugueses (quase todos de origem rural) ridicularizam os habitantes do Alentejo, os alentejanos chamam galego a qualquer um que tenha nascido a norte do rio Tejo, os naturais da minha aldeia criticam os habitantes da vila mais próxima... Trata-se da nossa cegueira perante as outras culturas ou da

pretensão de pertencermos a categorias, grupos e classes superiores, mesmo dentro da nossa própria sociedade.

Centremo-nos na cultura material e constatemos o desaparecimento gradual da actividade artesanal, face ao progresso industrial e tecnológico. Todavia, em regiões maioritariamente rurais como ainda são o Alentejo e a Extremadura, o artesanato ainda faz parte do quotidiano da actividade laboral, dadas as suas funções utilitárias e as suas funções estéticas significativamente aproveitadas no processo turístico.

Os artefactos tradicionais são objectos de vida gerados por dedos dóceis ou por mãos habilidosas e calejadas por trabalhos doutros tempos, que sabem dar forma estética e prática ao embaraço que a imaginação do artesão sabe domesticar.

O artesão alentejano e extremenho afirmaram-se embrionariamente e potenciaram-se no longo período medieval e têm a sua época de ouro a partir do Renascimento. Um pouco como aconteceu por toda a Europa. Os trabalhos artesanais e de manufactura doméstica, actividade acessória da agricultura, que em si mesma constitui a base do processo, condicionam o modo de produção em que assenta, quer na Antiguidade, quer na Idade Média europeia, a economia natural.

Assim, a nível económico, a actividade artesanal permitia e permite a reunião de factores de produção num mesmo agente económico independente e fomentava a pluriactividade; ao nível técnico destaca-se a possibilidade de execução pelo mesmo indivíduo de operações que integram a totalidade ou a maioria do processo produtivo; a nível artístico permite a expressão de sentimentos estéticos, de origem essencialmente popular, mas também erudita; a nível intelectual, o artefacto consubstancia e reflecte o predomínio de factores psicológicos sobre os factores mecânicos, no processo da manufactura e produção.

| 71

A situação actual da actividade artesanal é diversa: de modo geral podemos afirmar que os ofícios artesanais colaboradores ou complementares da indústria (metais, electricidade, mecânica), não enfrentarão tão cedo problemas de sobrevivência; outras tarefas artesanais encontram-se numa posição intermédia, dependendo da oscilação do poder de compra e do nível de vida das populações. Encontram-se nesta situação os artífices da área da alimentação, dos serviços, da construção e os ofícios que dependem das modas e até de posicionamentos ecológicos (os chamados neo-artesãos de extracção urbana, mas de horizontes rurais). Finalmente, existem actividades artesanais que vão fatalmente desaparecer ou que já se extinguíram silenciosamente (Ramos 2011). Parafraseando muito a propósito Sommier (1984), podemos acrescentar que o artesanato é como a felicidade - só no momento em que desaparece é que damos conta do seu valor.

Nesse sentido, a musealização dos artefactos desaparecidos ou em vias de extinção desempenha um papel crucial na salvaguarda da memória colectiva, na transmissão dos saberes tradicionais às novas gerações e na compreensão do passado, recente ou distante. Os designados Museus Rurais, Museus do Artesanato, Museus Agrícolas, Museus de Aldeia, Museus Etnográficos, etc., aí estão a atestar e a legitimar as raízes locais e regionais, os estilos de vida dos quotidianos da autenticidade vivida, dolorosamente marcada, nuns casos, e eleita como referência identitária, noutros. Mas a vulnerabilidade das profissões artesanais é evidente, nomeadamente as ligadas ao sector primário e ao mundo da ruralidade: cardadores, ferreiros e ferradores, alfaiates e modistas, latoeiros, padeiras e forneiros, almocreves, cesteiras, taberneiros, amola-tesouras, carreiros, bordadeiras, sapateiros, abegões, funileiros, chocalheiros, cadeiros, etc.

Os artefactos são um produto que alimenta o turismo cultural. De facto, os produtos culturais e as atracções desempenham um importante papel turístico a vários níveis, desde a divulgação global da cultura, às acções que enfatizam as identidades locais (Mbaiwa 2004). Na realidade, o conceito totalizante de cultura compreende, como já foi referido, o que as pessoas sabem e pensam (conhecimentos culturais), como as pessoas se comportam e reagem (comportamentos culturais) e o que as pessoas fazem e manufacturam (artefactos culturais).

Como se sabe, o artesanato enriquece a oferta turística, mediatiza o contacto de culturas, cria postos de trabalho, ocupa os mais velhos, gera riqueza e alimenta a dinâmica da mudança, colocando em saudável confronto o passado e o presente (Ramos 2007). É certo que existem destinos turísticos que se justificam apenas por um elemento mais apelativo: ser património mundial, possuir paisagens únicas, ter monumentos raros, oferecer um atractivo extraordinário, etc. Todavia, para que a oferta turística ganhe em notoriedade, satisfaça desejos fora do quotidiano habitual e se apresente como um verdadeiro caleidoscópio que vá ao encontro dos espíritos e da curiosidade mais exigentes, torna-se necessário aliar factores que tornam o fenómeno mais interessante.

Assim, a riqueza monumental, as acessibilidades, a qualidade do alojamento, os equipamentos sociais, a segurança, a cultura local, a gastronomia, a animação, a paisagem, a hospitalidade e outras componentes qualificam os "pacotes" e tornam os destinos desejáveis. Naturalmente que, nem sempre, tal conjugação existe e é viável na sua totalidade. Mas, em sociedades rurais como as nossas, o artesanato desempenha um papel significativo na oferta turística, dada a sua longevidade e permanência como elementos identificadores da cultura tradicional que chegou aos nossos dias. O carácter complexo e multifacetado do fenómeno

72 | turístico - facto simultaneamente social, económico, cultural e político - afecta os estilos de vida e padrões das populações hospedeiras (e visitantes), altera o ambiente físico, espacial e funcional das localidades-destino e fomenta a aculturação.

As suas principais características sócio-económicas radicam na mobilidade social, na interacção de indivíduos e grupos sociais, no processo de comunicação, na criação de riqueza e de postos de trabalho, nas leis da oferta e da procura e na problemática do desenvolvimento. Politicamente, o Turismo é, acima de tudo, um instrumento de promoção da imagem de países, regiões ou localidades, no sentido da aquisição de divisas estrangeiras e do desenvolvimento económico. Nas sociedades actuais, o Turismo também é o grande veículo do contacto de culturas, o instrumento privilegiado das relações interpessoais entre "nós" e os "outros", o elo potencial da ligação com estranhos, forasteiros, hóspedes e estrangeiros. O Turismo mediatiza pois, o processo etno-anropológico da hospitalidade, da anulação etnocêntrica, do relativismo cultural, da afirmação plena do Homem, simultaneamente singular e igual aos outros homens (Ramos 1992).

Todavia, a complexidade e riqueza do fenómeno não o elegem como o único factor de desenvolvimento de uma região, país ou localidade. Trata-se pois, de um fenómeno problemático, delicado e controverso, que nem sempre resiste à simplicidade de uma análise custos/benefícios.

Para Douglas Foster o turismo é uma "actividade que envolve uma mistura complexa de elementos materiais e psicológicos. Os elementos materiais são o alojamento, o transporte, as atracções e as diversões disponíveis. Os factores psicológicos incluem um largo espectro de atitudes e expectativas" (Foster 1992: 20), motivações, escolhas, desejos e afirmações de *status*.

Por todas as razões expostas, a triangulação – antropologia, artesanato, turismo – traduz uma relação dialógica que, sustentada pela fundamentação científica, recolhe elementos da cultura material que enriquecem aquilo que o turismo, como fenómeno e como indústria, oferece para complementar a oferta habitual.

Considerações Finais

Debrucemo-nos agora sobre o modo como o Alentejo e a Extremadura Espanhola cruzam a linha imaginária da fronteira e se irmanam num conjunto de ofertas culturais que diríamos inseparáveis.

Culturalmente, é um facto que alentejanos e extremenhos podem comunicar do ponto de vista linguístico, em especial as comunidades perto da fronteira e, na pior das hipóteses, utilizando o tradicional *portunhol*. Falar *d'espacio* é uma solução lógica.

No Alentejo e na Extremadura, o artesanato é, ainda, uma fonte inesgotável, de acordo com a disponibilidade e riqueza dos materiais, as necessidades impostas pela vida rural (e urbana) e a criatividade dos artífices. Numa zona alargada onde a ruralidade é um valor, o Alentejo e a Extremadura geraram a manutenção de produtos artesanais ligados ao sector primário; por isso, algumas profissões tradicionais chegaram até aos nossos dias, nomeadamente na sua vertente utilitária. Em contra partida, a normalização industrial, o fabrico em série, a redução dos custos de produção e o desenvolvimento tecnológico acabaram por sufocar as actividades complementares da agricultura, que perderam utilidade e funcionalidade.

A situação agonística de algum artesanato é bem ilustrada pelo desabafo de um septuagenário cesteiro alentejano, que já só faz cestos “quando está triste, quando tem saudades dos filhos e quando a mulher o amola”.

Cada artefacto é uma obra-prima que legitima a mestria do artífice, de braço dado com a sua imaginação, na aventura do belo, privilegiando a função utilitária ou decorativa, aqui e além jogando com a integração tecnológica e traduzindo-se em incorporação pessoal e afirmação afectiva.

É uma realidade indesmentível que a magia artesanal se encontra, se molda, se esconde, se desenha, se tece, se afaga e se burila nas mãos e nos pensamentos dos mais velhos. Estes, que constituem, afinal, a fonte de toda a cultura tradicional, são o elo de ligação com outras gerações, não apenas para matar saudades e encher os manuais de nostalgias, mas como verdadeiros transmissores de saberes antigos, que se actualizam permanentemente e que é preciso guardar no coração das identidades das regiões em causa.

Ainda sobre o artesanato, existe uma actividade comum dispersa por praticamente toda a raia: os objectos em cortiça. Uma outra actividade relevante consubstancia-se na prática oleira; de facto, entre S. Pedro do Corval e Salvaterra de los Barros verifica-se uma irmandade que elege a olaria como o centro essencial desta tradicional actividade económica.

Do ponto de vista monumental, deve-se realçar que quatro cidades Alentejo-Extremenhas são património mundial da UNESCO, apresentando características que se completam e que constituem motivos culturais e turísticos por excelência: Évora, Mérida, Elvas e Cáceres. Para além disso, os castelos raianos, as pontes, os aquedutos, a arquitectura rural dão identidade à história comum, que de tempos tumultuosos se transformaram em objectos pacíficos do desejo turístico actual. E neste sentido, também os museus, os palácios, as casas nobres, a modesta arquitectura rural, as tabernas, o vinho, os peticos e as tapas, a caça,

a protecção da natureza congregam vínculos que a proximidade geográfica e essencialmente cultural nos ajudam a compreender uma Antropologia sem Fronteiras.

Passar a fronteira para fazer trocas comerciais e comer bacalhau ou comprar caramelos, saborear *jambon* e outras iguarias, são tradições arreigadas nos dois lados da raia. Vila Nueva del Fresno, Monsaraz, Barrancos, Encinasola, Alandroal, Valência de Alcântara, Olivença, Cáceres, Campo Maior, Badajoz, Juromenha, Mérida são uma verdadeira Babel onde as duas línguas fronteiriças se cruzam, pela via do comércio, (antigamente através do contrabando), do turismo, das touradas, das festas locais, dos casamentos ibéricos, da visita a familiares e amigos. O referido contrabando, paradigma da sobrevivência, também nos uniu, no abraço ancestral que lutou contra a pobreza e as necessidades sentidas dos dois lados da fronteira.

Ainda em termos económicos, verificamos que, recentemente, agricultores e empresários extremenhos se têm dedicado a investir na área do regolfo da grande barragem de Alqueva, contribuindo para o desenvolvimento económico através da agricultura e do turismo.

Assim, a Antropologia (ciência da cultura), o artesanato (cultura material) e o turismo (troca de culturas) constituem o triângulo do diálogo que o Alentejo e a Extremadura representam, longe de obstáculos raianos.

Referencias Bibliográficas

- Barley, N. (1986): *The Innocent Anthropologist. Notes from a mud hut*. British Museum. London.
- Copans, J. (1999): *L'Enquête Ethnologique du Terrain*, Éditions Nathan. Paris.
- 74 | Dewalt, K. & Dewalt, B. (2000): "Participant Observation" in Bernard Russell (edt.) *Handbook of Methods in Cultural Anthropology*. Altamira Press. New York.
- Foster, D. (1992): *Viagens e Turismo - Manual de Gestão*. Edições CETOP. Mem Martins.
- Gonçalves, António G. (1997): *Questões de Antropologia Social e Cultural*. Afrontamento. Porto.
- Lévi-Strauss, C. (1995): *L'Identité*. PUF. Paris.
- Lévi-Strauss, C. (1990): *De Perto e de Longe*. (com Didier Eribon). Nova Fronteira. Rio de Janeiro.
- Malinowski, B. (1997): "Os Argonautas do Pacífico Ocidental. Introdução: objecto, método e alcance desta investigação". *Ethnologia* 6/8.
- Mauss, M. (1993,1967): *Manual de Etnografia*. Pórtico. Lisboa.
- Mbaiwa, J. (2004): "Prospects of Basket Production in Promoting Sustainable Rural Livelihood in the Okavango Delta, Botswana", *International Journal of Tourism Research* 6.
- O'Neill, B. (1984): *Proprietários, lavradores e jornaleiros: desigualdade social numa aldeia transmontana 1870-1978*. Publicações Dom Quixote. Lisboa.
- Pitt-Rivers, J. (1973): *Tres Ensayos de Antropología Estructural*. Anagrama. Barcelona.
- Ramos, F. M. (2011): "Reflexões Sócio Antropológicas sobre o Turismo", *Revista Turismo e Desenvolvimento* 16 (co-autoria de Noémi Marujo). Universidade de Aveiro. Aveiro.
- Ramos, F. M. (2007): *Breviário Alentejano*, Vale de Cambra: Caleidoscópio.
- Ramos, F. M. (2002): "Reflexões sobre o trabalho de campo antropológico". *Sociologia em diálogo*. Universidade de Évora. Évora.
- Ramos, F. M. (2001): "História de Vida: Produto e Meio de Produção". *Economia e Sociologia*. ISESE. Évora.
- Ramos, F. M. (1992): "O Turismo, a Economia e a Felicidade", *IBN MARUÁN* 2. CMM. Marvão
- Sommier, G. (1984): *Presente y Futuro de las Artesanías en la Sociedad Industrial*. Ministerio de Industria y Energia. Madrid

Biografia do Autor

Nascido em Amareleja (perto da fronteira com a Extremadura), Francisco Martins Ramos é catedrático de Antropologia e Professor Emérito da Universidade de Évora (Portugal). Tem realizado investigações sobre comunidades locais, o vinho, alcunhas, turismo e desenvolvimento local, orientou dezenas de dissertações de mestrado e doutoramento e as suas publicações incluem 9 livros de sua autoria e 10 em parceria e dezenas de artigos, quer em Portugal, quer em Espanha, França, Itália, Estados Unidos e Índia. Colabora actualmente com a Universidade Metodista de Angola, para a qual elaborou o plano de estudos de uma licenciatura (4 anos) em Turismo, Gestão Hoteleira e Animação e onde apresentou o seu último livro, "O Jardineiro do Cacuaco".

Recibido: Agosto 2015

Aceptado: Septiembre 2015